

## O *Pathos* dionisíaco manifestado em *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar

Pâmela Bueno Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio faz uma análise do *pathos dionisíaco*, exaltado no personagem André, do romance *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar. Nos referenciamos na obra de Friedrich Nietzsche *O Nascimento da Tragédia*, onde encontramos primeiramente as definições das pulsões apolíneas e dionisíacas, segundo o filósofo elas se mantêm em constante conflito no homem, importante ressaltar, que vamos visitar a primeira fase intelectual de Nietzsche para analisar o romance. Nesse sentido, investigamos, como André entrega-se ao *pathos dionisíaco*, ou melhor, como deixa aflorar seu êxtase pela vida. O amor por sua irmã, trará o seu aniquilamento. Dionísio é o deus bárbaro que vem do oriente, e traz à tona o lado humano mais vivo e criativo, de entrega e amor. O que nosso ensaio analisa é o *pathos* do personagem, que rompe com os padrões da época e de sua família em busca de seu eu no mundo, amor e desejos.

**Palavras – Chave:** *Pathos*; *Lavoura Arcaica*; dionisíaco; pulsões.

Desde a filosofia platônica que temos a cisão de poesia e filosofia. A relação entre arte e filosofia nem sempre foi harmoniosa, pois diferentes perspectivas podem ser adotadas. Seria possível dizer que no concerne à formação de um indivíduo há quem prefira privilegiar a filosofia em detrimento da arte. Contudo, entramos na contramão dessa perspectiva, pois pensamos que ambas não são excludentes, mas colaboram entre si. Não precisamos vê-las como distintas, nos propomos, analisar filosoficamente o romance de Raduan Nassar *Lavoura Arcaica*. Investigando a pulsão dionisíaca, sem deixar de lado a pulsão apolínea do personagem. É visto de nota, que o livro proporciona muitas reflexões filosóficas, faz o leitor percorrer um misto de agonias e desejos exaltados dentro de uma família de princípios tradicionais.

Em suma, muitos filósofos utilizaram a literatura (poesia) para fazer sua filosofia. Desde os pré-socráticos que “pensaram o ser e o vir a ser como poetas que escreviam em versos, a exemplo de Parmênides, ou em aforismo sibilinos, como Heráclito. A partir deles, nenhuma filosofia viveria mais sem metáfora” (NUNES, 2010: 06). Os antigos, Platão em Fedro, Fédon, O Banquete em modo de diálogos e Aristóteles. Na modernidade Nietzsche -

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia - PRO-FILO da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Graduanda em Letras- Espanhol pela Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Formada em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: costapamela58@gmail.com.

dispõe da poesia e poemas em suas obras, Rousseau em *O Emílio* e *A Nova Heloísa* que expõe seus pensamentos em forma de romance e Voltaire, *Cândido ou o Otimismo*. Também muitos escritores de romances, poesias, com suas abordagens literárias, utilizam de reflexões filosóficas, podemos citar: Clarice Lispector, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, enfim, muitos exemplos poderíamos destacar. Os personagens da literatura podem produzir representações filosóficas.

Benedito Nunes compreende a relação filosofia poética e poesia filosófica, poetas/filósofos e filósofos/poetas como: “seria o mesmo que dizer que um corre para o outro, como rios confluente [...]. Há poetas sensibilizados pela filosofia, como, entre outros, o foi declaradamente um Fernando Pessoa, e outros não” (2010: 06). Por fim, ressaltamos que o texto literário é capaz de fornecer ferramentas para compreensão do conteúdo filosófico, pois a filosofia em si já é um tipo de literatura, uma vez que é um modo próprio de transmitir pensamentos. E de acordo com Nunes, a Filosofia não deixa de ser Filosofia tornando-se poética nem a Poesia, ou também a arte literária dos romances, deixam de ser poesia-literatura tornando-se filosófica. É de extrema importância uma leitura filosófica em romances, e assim, de modo a desvelar e invocar o profano que as palavras de Rotterdam devem ser exaltadas:

Que seria esta vida, se é que de vida merece o nome, sem os prazeres da volúpia? Oh! Oh! Vós me aplaudis? Já vejo que não há aqui nenhum insensato que não possua esse sentimento. Sois todos muito sábios, uma vez que, a meu ver, loucura é o mesmo que sabedoria. Podeis, pois, estar certos de que também os estoicos não desprezam a volúpia, embora astutamente se finjam alheios a ela e a ultragem com mil injúrias diante do povo, a fim de que, amedrontando os outros, possam gozá-la mais frequentemente. Mas, admitindo que esses hipócritas declamem de boa fé, digei-me, por Júpiter, sim, digei-me se há, acaso, um só dia na vida que não seja triste, desagradável, fastidioso, enfadonho, aborrecido, quando não é animado pela volúpia, isto é pelo condimento da loucura. (2002: 30)

Loucura? Assim como *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes – que enxergava a realidade completamente diferente, seguimos nossa reflexão “brigando com os moinhos de vento” (2005: 10)<sup>2</sup>! Ou melhor, nos embalos dessa loucura, dos rastros de Erasmo de Rotterdam elucidamos a questão dos devaneios:

“Não espereis que, de acordo com o costume dos retóricos vulgares, eu vos dê a minha definição e muito menos a minha divisão. Com efeito, que é definir? É encerrar a ideia de uma coisa nos seus justos limites. E que é

---

<sup>2</sup> Abordagem remete a *Dom Quixote* que briga com os Gigantes, que na verdade são grandes moinhos de vento – “Que louco! — pensei — Até um cego poderia ver que se trata de moinhos de vento e não de gigantes. Estranhava-me que não se importasse com as palavras razoáveis do prudente Sancho!”

dividir? É separar uma coisa em suas diversas partes. Ora, nem uma nem outra me convém. Como poderia limitar-me, quando o meu poder se estende a todo o gênero humano? ” Assim, como poderemos, ou como poderei encontrar um sentido único para a vida, definindo-a? (2002: 06)

Nossa pretensão não é definir, mas sim proporcionar reflexão. E, não queremos encerrar a ideia de algo com uma resposta indubitável e irrefutável. Nos embalamos pelas reflexões de Nassar, o personagem que chama atenção é André. Mas, por que André? Ele é o personagem da *Hýbris* - que vem do grego e significa a desmedida, e assim que suas ações provocam desmedidas, que o proporcionam felicidade e infelicidade, mas todas vividas intensamente.

Todos na família possuem características notórias, mas é André quem irá dar o primeiro passo à concretização da loucura. É profano, efêmero e poético! Podemos caracterizá-lo como a personificação de Dionísio, deus da desmedida, deus bárbaro do vinho, do teatro, das orgias, da exacerbação dos sentidos. Ele é a manifestação do bárbaro, é aquele que coloca seu falo em questão, seu corpo, seu *pathos* em ritual – quando observa o teto, o chão e umidade, são características dionisíacas, o desejo de uma vida úmida! O olfato – “o ruído das batidas na porta vinha macio”, o tato – “as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito ainda quente” – e a sua visão – “Os olhos no teto...” É através deles que o personagem experimenta em seu corpo esse outro mundo (NASSAR, 2006: 05)<sup>3</sup>.

Estar vivo é desfrutar da vida em todas suas possibilidades, é amar, mesmo que esse amor seja imoral. Os padrões de uma sociedade, não podem privar os indivíduos de entregar-se à vida. E assim, a figura de André, faz o leitor entrar em contato com um novo modo de ver a vida. Dito isso, precisa-se entender que sua família era patriarcal e tradicional, ou seja, pregava o seguimento da boa moral e dos bons costumes, pautados nos mandamentos da religião cristã. O amor era válido somente no âmbito familiar, o homem deveria seguir o caminho do espírito e não de suas paixões, não deixar-se levar pelos seus instintos mais primitivos, e sim, apenas, e unicamente seguir a religião. Cultivar a terra, ajudar seus irmãos, cultivar a boa união entre a família, ajudar nos afazeres da casa, dando valor para o trabalho. “O trabalho faz o homem dignificar-se”, dizia seu pai, e assim, seguir o caminho pautado pelos valores éticos e morais de um homem de bem.

O avesso, a desmedida, o exacerbamento, a personificação do amor, é André. Ele não leva a sério os ensinamentos e os sermões de seu pai. Ele é o sujeito apaixonado, que vê o

<sup>3</sup> Reflexões retiradas do primeiro capítulo intitulado A Partida.

mundo às avessas, como Roland Barthes (2003) em seu *livro Fragmentos de um discurso amoroso*, enfatiza, o homem apaixonado é aquele que enxerga o mundo de uma outra maneira, é possuído pelas musas, é o sujeito que vive sua loucura atravessado pela ideia que está ou vai ficar louco. Nesse sentido, André chama atenção por ser a figura que rompe com os padrões estabelecidos.

André fugiu da repressão e da prisão que era sua casa, entregou-se à sua volúpia e a loucura. No ato, mas polêmico da obra, onde o amor desmedido e imoral foi consumado pelos irmãos. Esse amor surge, do mesmo modo que contemplava a natureza, a terra úmida, ao tocar seus pés nus, que lhe proporcionava um imensurável prazer. Nesse sentido, tentando caracterizar André como o sujeito da desmedida, o homem da relação com a natureza, de amor e entrega. Efêmera é a sensação, alucinante se torna o seu desejo quando está em contato com a terra, com seus pés nus sentido a úmida sensação da terra! Era seu grito de prazer e seu delírio. André deleita-se com isso, ama a terra assim como ama Ana, pois a via como um ser úmido, cheio de vida, mesmo não falando nada, seu corpo falava e chamava a atenção do irmão. André é envolvido pelo olhar de Ana, sendo arrastado para um abismo sem fim, apaixona-se demasiadamente. Nesse jogo de sedução, cometem o ato, a consumação do seu amor, no ato carnal e libidinoso do seu sexo. Cometem o ato incestuoso. Eis que começa sua tortura mais interminável. Ao deparar com o silêncio de Ana, depois de terem vivido um momento de entrega e amor, foi concebido por uma volúpia, um misto de fúria e desespero. O silêncio, fala! Não foi preciso dizer nenhuma palavra. Ele havia entendido sua recusa, e assim, abandona o lar, para ir em busca de seu próprio caminho, longe de todos.

Ao analisarmos os outros personagens da casa, o mesmo pensamento é levantado pelo seu irmão caçula Lula – que era apaixonado por André. O que se torna nítido no personagem do pai: é a negação do corpo, a negação das emoções para a valorização da fé. No lar, dentro da família, há inúmeros instintos reprimidos e vontades negadas. A família era dividida, os filhos que seguiam os ensinamentos do Pai Lohána – era Pedro, Rosa, Zuleika e Huda, ao lado da mãe os filhos que seguiam o *pathos*, Ana, André e Lula. Isso fica claro, quando vemos a colocação de cada um na mesa na hora das refeições, momento santo e sagrado para seu pai. A mãe, é a figura do amor, a personificação de Afrodite - deusa grega do amor! Exacerbada em seus afetos, apaixonada por André, deixa esse sentimento falar mais alto quando ele foge de casa. Quando André vai embora, abandonando o seio familiar, todos ficam inconformados e tristes com sua partida. O caos e (Des)equilíbrio é instaurado. A família perfeita, começa a se desestruturar.

Portanto, ele é o homem dionisíaco, de entrega e afirmação. O filósofo Nietzsche, aborda que essas pulsões estão em constantes conflitos dentro do homem. Assim, quando o lado dionisíaco fala mais alto, o trágico é manifestado, entendendo aqui o trágico não como hoje relacionamos o termo.

André ama intensamente e profanamente a irmã, esse amor proibido, vai manifestar o trágico e trazer o aniquilamento no âmbito familiar. Como podemos analisar esse ato de amor? De fato, de acordo com os valores que a sociedade cristã preza, é algo extremamente errado, mas não estamos fazendo julgamentos de ações certas e erradas, pois são questões metafísicas. Ademais pensando em Adão e Eva, duas criaturas que eram vistas como irmãos, também provam do fruto proibido, assim como Ana e André. Devoram, devoram-se! Amar a vida, em uma filosofia afirmativa como a de Nietzsche, não negar seu destino, entregar-se a ele, é o *amor-fati*. Essa entrega em nada quer diferente seja para trás ou para frente. Destarte, são vários os personagens da literatura que buscam uma entrega total à vida e ao *pathos*. Podemos citar, como exemplo, *Emma Bovary* de Gustave Flaubert em sua obra ícone do realismo *Madame Bovary* – a personagem Emma entrega-se ao mundo onírico, ou seja, ao mundo que ela projeta com a literatura, seus medos, incertezas, desejos e paixões. Ela vai encontrar no mundo literário uma saída da realidade que vivia. Seu marido pacato Charles, sem vida, sem gozo, sem paixão, sem *pathos*! Não era o homem que a fazia transbordar e exacerbar seus sentimentos. Não, ele não proporcionava nada, somente o tédio. Onde ela encontra o sentido de sua vida?

Na literatura, mas quando isso não foi suficiente, quis viver e desfrutar dos amores e sabores na vida “real”. Assim, entregou o seu eu para a vida. Buscando encontrar na vida real o que ela vivia no mundo literário. Como Fernando Pessoa nos diz: “a literatura é a melhor forma de ignorar a vida” (2006: 140)! Sim, exatamente isso que Emma fazia, em relações fora do seu casamento, obteve sensações e prazeres jamais vividos, a exacerbação dos sentidos fez ela amar a vida! Mas, cabe ressaltar, que sua traição, vista do âmbito moral é pecado. Mas, a traição de Emma foi seu escape da dura realidade que vivia dura porque ela não amava o esposo e conviver com ele era uma tortura. Seu marido não tinha nenhuma poesia. E os seres sem poesia, são pó. O que fazer de uma vida sem amor? Ela estava secando e queria uma vida úmida, obteve por curto período, sua entrega trouxe consequências. Outra obra que possui uma personagem marcante, de entrega ao *pathos*, é Ana, na obra de Tolstói *Anna Karenina*. Ela mulher, mãe, casada com um oficial do governo, Karenin. Uma família, perfeita. Mas, que não a satisfazia, desse modo, vai abandonar o marido e seu filho, traindo o

papel primordial de uma mulher: o de esposa e mãe. Desobedece a uma instituição sagrada - o vínculo matrimonial, para fugir com seu amado *Vronsky*. Anna representa a crítica mais feroz e ao mesmo tempo a demonstração de todos os subterfúgios e as mentiras nas quais se fundamenta a boa sociedade russa. Ao lembrar desses exemplos, voltemos para André, quando sai de sua casa, deixa para trás o que mais desejava. E encontra no mundo infinitos prazeres mundanos, entregando-se para a vida, rompendo com o equilíbrio que seu pai pregava na mesa, na divisão do pão e do vinho. A paixão tudo devora... É com entusiasmo que Nietzsche nos diz: “a criatura nobre não peca, é o que o poeta profundo nos quer dizer: por sua atuação pode ir abaixo de toda e qualquer lei, toda e qualquer ordem natural e até o mundo moral” (2005: 64). Inquestionavelmente o homem é um animal racional, mas, a razão é abandonada, e a emoção fala mais alto, assim, lutar contra as paixões e os sentimentos que afloram no coração não é possível. Bovary desfruta dos prazeres que a vida tem a oferecer, traindo seu esposo, em uma entrega a uma vida material, consumista, cheia de desejos, mas, perde-se em si mesma, sua busca constante por amor, vai ser seu tormento assim como André, o amor que sente pela irmã vai ser sua crucificação.

Não obstante, esse devaneio essa busca por explicar um sentido para vida é ilimitado, cada ser humano, cada homem dá o sentido que ao ser ver é mais plausível. Cada um segue o caminho que deseja em nome do que acredita. Somos livres para procurar o próprio sentido para nossas vidas, podemos romper, (des)construir como Derrida e criar nossos próprios rastros. Antes de tudo, digamos: haverá no mundo coisa mais doce e mais preciosa do que a vida? E nesse sentido que a outra personagem utilizada como exemplo, *Ana*, de Tolstói, rompe com os paradigmas e acaba por experimentar o *pathos dionisíaco* ao extremo, aniquilando-se, a vida que desejou seguir, assim, como sua antiga vida não lhe foi suficiente. Bovary ao tomar veneno para acabar com seu sofrimento, pois o mundo que sonhava, não encontrou, aniquila-se e agoniza até o seu fim.

André, Emma e Ana o que eles tem em comum? Eles tem o desejo pela vida, pela ruptura dos padrões, entregam-se a *Eros*, entregam-se para vida! Amar, amar e amar... entregam-se e embriagam-se no dionisíaco – são trágicos! E principalmente André, é embriaguez, é êxtase e entusiasmo – lembrando a fala de André para seu irmão Pedro, quando foi buscá-lo para voltar ao lar, o amor pela irmã foi exaltado em palavras:

'Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome' explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carnegão maduro e pestilento, 'era Ana a minha enfermidade, ela a minha

loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arpejo, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos' gritei de boca escancarada, expondo a textura da minha língua exuberante. (NASSAR, 2006: 107)

Com essa fala, podemos compreender o amor e a paixão desmedida pela irmã. O *pathos*, a entrega, a sede de vida e a sua afirmação, *transborda o pathos dionisíaco* e pode causar o devaneio como uma loucura: uma aniquilação do ser. O homem é por natureza racional, mas em certos momentos deixa a razão de lado, para aflorar o corpo e suas paixões.

Ana a irmã, também embriaga-se no êxtase de vida dionisíaca:

Roubou de um circundante a sua taça, logo derramando sobre os ombros nus o vinho lento, obrigando a flauta a um apressado retrocesso lânguido, provocando a ovação dos que a cercavam, era a voz surda de um coro ao mesmo tempo sacro e profano que subia. (NASSAR, 2006: 188)

Não teremos uma resposta para o *pathos* de André, porque definir é limitar, e a vida não permite essa limitação, como Rotterdam enfatiza (2002: 06) – definir, então, é encerrar a ideia de uma coisa nos seus justos limites, e isso não pretendemos, com os personagens literários, conseguimos pensar a vida, e o que nos é nítido? A vida deve ser gozada, ser poética e afirmativa!

**Referências**

- BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**, São Paulo: eBooksBrasil, 2005.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- GAZOLLA, Rachel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MILAN, Pietro. Disponível em: <<http://segundo-plano.com/livro-anna-karenina>>. Acessado em 15 de junho de 2016 as 16h e 30min.
- NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.
- NUNES, Benedito. Poesia e Filosofia: uma transa. In: **Ensaios Filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- PESSOA, Fernando, **Livro do Desassossego**: composto por Bernardo Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Antena, 2002.
- TOLSTOI, Leo. **Anna Karenina**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.